



Domingues de Azevedo elogia coragem e visão de Jardim, embora lhe reconheça falhas. FOTO OCTÁVIO PASSOS/ASPRESS

Política de direita tornou as pessoas “egoístas”

FRANCISCO JOSÉ CARDOSO
fcardoso@dnoticias.pt

A forma de estabelecer o equilíbrio económico no país é bastante criticada pelo Bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), Domingues Azevedo, sobretudo porque a classe média e os trabalhadores “tem sido excessivamente penalizada”, quando comparado com o sacrifício pedido a outras classes, nomeadamente os detentores de capital, os empresários.

“Não tem sido pedida aos capitalistas uma comparticipação na recuperação do país como tem sido aos trabalhadores, porque é um mecanismo fácil, barato e tem resultados extraordinários”, frisou. “Esses sim, sentiram na pele o custo da recuperação, uma vez que o IRS nos últimos quatro anos teve aumentos na ordem dos 60%. É muito dinheiro”. E questiona: “Mas quanto é que se pediu a quem tem dinheiro nos bancos, que esforço se pediu a quem tem grandes mais-valias, a quem tem rendimentos de prédios, nas empresas, etc.?”

A consequência “imediate e perigosa” desta “política de direita pura, que já não é do PSD, mas do CDS que manda no país, uma espécie de destruição da classe média, que só não gera conflitos sociais porque as pessoas que hoje ainda têm emprego, são solidárias com quem perdeu o seu posto de trabalho, mas vão para casa e dizem que, felizmente, não é com eles. Há uma certa apatia das pessoas, conformadas e comodistas com o que se passa, sem questionar. Esta política de direita tornou

BASTONÁRIO DA ORDEM DOS TÉCNICOS OFICIAIS DE CONTAS TEME CONVULSÕES SOCIAIS

as pessoas perigosamente egoístas. Este conceito de eu quero, eu posso, eu mando, é um conceito de poder musculado, de poder ordenar”, lamentou.

Questionado sobre a entrevista do primeiro-ministro Pedro Passos Coelho no dia anterior, Domingues de Azevedo salientou que cabe ao governante “criar uma dinâmica de mobilizar os cidadãos, que infelizmente até agora não tem conseguido, no sentido

de terem uma posição activa no que respeita à recuperação da economia nacional”.

Observador e agente activo, o Bastonário lembra que a realidade em relação à mensagem transmitida é outra. “No seu dia-a-dia as pessoas sentem dificuldades, perdem a casa por não conseguirem pagar aos bancos, os jovens perdem os cursos porque os pais não têm dinheiro para continuar a pagar e as frustrações dos jovens que não conseguem arranjar emprego, é uma realidade que não há discursos que a consigam esconder”, concluiu.

Presente na Madeira para participar num Jantar de Natal organizado pela Delegação Regional, o Bastonário aproveitou para dirigir algumas palavras de incentivo aos cerca de 40 profissionais.

“JARDIM FOI ARROJADO”

■ Em relação à dupla austeridade a que a Madeira tem sido sujeita desde 2011, com a aplicação do Programa de Ajustamento Económico e Financeiro (PAEF) imposto pela República, o ex-deputado socialista durante três legislaturas (até 1995), prefere ter uma visão menos partidarizada para com o responsável máximo pela enorme dívida que os contribuintes da Região Autónoma terão de pagar nos próximos anos.

“Na Madeira há uma realidade concreta, que não se deve menosprezar. Em 1983, neste mesmo restaurante (A Montanha) para cá chegar demorávamos um tempo diabólico. Em 30 anos a Madeira mudou completamente a

sua face. Não digo que ficou mais bonita, mas ficou mais funcional para os madeirenses. Aqui, goste-se ou não, não sou da sua cor política, mas tenho de tirar o chapéu ao dr. Alberto João Jardim. Não obstante agora pedirem-se sacrifícios à população, ele foi um homem arrojado e de uma grande visão quanto àquilo que era necessário fazer na Madeira. Ele deu um passo além da perna, mas quem beneficiou foram os madeirenses, embora hoje estejam a viver um momento indiscutivelmente difícil. Talvez por caminhos nem sempre tão esclarecidos, teve a capacidade de fazer chegar a água ao seu moinho”, explicou a sua opinião.